



OS CONSTITUTIVOS ONTOLÓGICOS DA PESSOA NA FILOSOFIA DE EDITH STEIN E A AUTOCONFIGURAÇÃO COMO DIMENSÃO FORMATIVA

José Aparecido Pereira*

Gabriel Araujo Rosa*

DOI: <https://doi.org/10.52521/poly.v17i2.13225>

Resumo: O assunto a ser refletido no presente texto se encontra ligado ao pensamento de Edith Stein, notável pensadora do século XX. O objeto de reflexão do artigo está delimitado em torno da seguinte questão: quais elementos estruturam ontologicamente a concepção de pessoa na filosofia de Stein e como autoconfiguração como dimensão formativa está relacionada a essa concepção? Os procedimentos metodológicos adotados para responder a essa questão se orientaram pela leitura, análise e interpretação de um conjunto de textos da filósofa que serviram de fundamentação teórica para a análise do problema, sobretudo *Introducción a la filosofía* (2005). Na parte do desenvolvimento, o artigo está dividido em dois tópicos. No primeiro, apresenta-se os principais componentes que definem a pessoa ontologicamente na filosofia da pensadora. Por sua vez, no segundo, é feita uma abordagem sobre os aspectos que caracterizam a concepção de formação em Stein e a relação com a sua visão de pessoa. Pode-se afirmar que a relevância do tema e do problema analisados nesse texto está no fato de que as ideias de Edith Stein têm potencial para influenciar e iluminar debates interdisciplinares que podem transcender para outras áreas do conhecimento humano, tais como, a psicologia, teologia e ciências humanas.

Palavras-chave: Alma. Espírito. Formação. Pessoa

THE ONTOLOGICAL CONSTITUTIONS OF THE PERSON IN EDITH STEIN'S PHILOSOPHY AND SELF-CONFIGURATION AS A FORMATIVE DIMENSION

Abstract: The subject to be reflected in this text is linked to the thought of Edith Stein, a notable thinker of the 20th century. The article's object of reflection is delimited around the following question: which elements ontologically structure the conception of person in Stein's philosophy and how is self-configuration as a formative dimension related to this conception? The methodological procedures adopted to answer this question were guided by the reading, analysis and interpretation of a set of texts by the philosopher that served as theoretical foundation for the analysis of the problem,

* Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração (1996), Ciência da Computação pela Universidade Cruzeiro do Sul, (2023), Teologia pelo CES (Centro de Estudos da Companhia de Jesus (2000), Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela UNOPAR (2005), Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2003) e Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010).

* Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Vínculo Institucional: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: gabrielaraujorosa1996@gmail.com.



especialmente *Introduction to Philosophy* (2005). In terms of development, the article is divided into two topics. In the first, the main components that define the person ontologically in the thinker's philosophy are presented. In turn, in the second, an approach is made to the aspects that characterize Stein's conception of training and the relationship with his vision of the person. It can be stated that the relevance of the theme and problem analyzed in this text lies in the fact that Edith Stein's ideas have the potential to influence and illuminate interdisciplinary debates that can transcend to other areas of human knowledge, such as psychology, theology and human sciences.

Keywords: Soul. Spirit. Training. Person.

Introdução

O assunto fundamental a ser analisado nesse artigo está vinculado ao pensamento de Edith Stein, filósofa e teóloga alemã, considerada uma das maiores pensadoras do século XX. Stein foi uma mulher em busca da verdade e graças à ação silenciosa da Graça, chegou a ser mártir e santa. A trajetória acadêmica dessa distinta intelectual, antes de ser impulso para outros, teve influência de alguns filósofos que foram primordiais para a construção do seu projeto filosófico, sobretudo Tomás de Aquino e Edmund Husserl. Sendo assim, pode-se afirmar que a perspectiva filosófica desses dois pensadores serviu de suporte teórico para que Stein pudesse embasar a sua teoria sobre a pessoa e a formação.

Tendo em vista isso, o objeto de reflexão do artigo foi delimitado em torno da seguinte questão: quais elementos estruturam ontologicamente a concepção de pessoa na filosofia de Stein e como autoconfiguração, como dimensão formativa, está relacionada a essa concepção? Os procedimentos metodológicos adotados para responder a essa questão se orientaram pela leitura, análise e interpretação de um conjunto de textos da filósofa que serviram de fundamentação teórica para a análise do problema, sobretudo *Introducción a la filosofía* (2005). O artigo está dividido em dois tópicos. No primeiro, apresenta-se os principais componentes que definem ontologicamente a pessoa na filosofia da pensadora. Vários elementos são fundamentais para a compreensão desse tema, tais como, alma, corpo, consciência, espírito, interioridade, exterioridade e núcleo pessoal. Por sua vez, no segundo tópico, é feita uma abordagem sobre os aspectos que caracterizam o tema da formação em Stein e a



relação com a sua visão de pessoa. Será explicitado que, para Stein, o processo de formação da pessoa se baseia na interação entre potência-ato-hábito, desencadeada por um motivo que atualiza a potência. A estrutura da pessoa é o ponto de partida para o processo de desenvolvimento (formação) que abrange vários aspectos e camadas da pessoa. Esse desenvolvimento (formação) não se limita apenas ao caráter, mas se estende aos movimentos do corpo e à expressão física. A relevância do tema e do problema analisados nesse texto está no fato de que as ideias de Edith Stein têm potencial para influenciar e iluminar debates interdisciplinares que podem transcender para outras áreas do conhecimento humano, tais como, a psicologia, teologia e ciências humanas.

1. Os constitutivos ontológicos da pessoa na filosofia de Edith Stein

Para compreender o processo de desenvolvimento (formação) do ser humano se faz necessário entender a estrutura da pessoa. Por isso, Edith Stein, ao partir da tradição aristotélico-tomista, bem como, do pensamento de seu mentor, Edmund Husserl, reitera que a totalidade da pessoa constitui uma única substância, a qual tem uma estrutura tripartite – corpo-mente-espírito –, cujas partes seguem leis próprias e entre elas, há uma relação ininterrupta que dá unidade. Assim, Stein procura entender de que maneira ocorre a conexão entre eles na experiência do sujeito concreto. À vista disso, ela elucida que é possível afirmar que no núcleo da pessoa contenha, intrinsecamente, finalidades e o controle do caminho para que ela se desenvolva integralmente. Por conseguinte, afirma-se que os eventos externos cooperam para que a pessoa alcance a sua plena evolução, a qual está como uma marca indelével em seu núcleo desde a sua origem. A esse respeito, assevera Edith: “A pessoa é sujeito de uma vida real do eu, sujeito que tem corpo e alma, que possui qualidades corporais e mentais, que é especialmente dotado de um caráter que se desenvolve, ou de qualidades que se desenvolvem sob a influência de circunstâncias externas.” [...] (Stein, 2005b, p. 778, tradução do autor).

Além disso, a filósofa enfatiza que há uma conexão entre aquilo que percebemos por meio dos sentidos e aquilo que expressamos corporalmente, e que entre os quais há um elo significativo entre a interioridade e a exterioridade. Quando Stein discorre



acerca da interioridade, refere-se à alma. Contudo, ela opta pelo conceito de psique¹³², e, daí em diante, começa a sua reflexão sobre a estrutura psíquica, diferindo-a do conceito de consciência pura (Stein, 2019, p. 398). A consciência, concebe Stein, é o aspecto que percebe uma vivência – tornando-se consciente –, apreendendo-a a partir de uma sequência de vivências. Dessa maneira, compreende-se como vivência aquilo que se dá à consciência e que estabelece os atos inerentes à interioridade humana, proporcionando a harmonia entre os atos da pessoa e o fenômeno que ele assimila, o que a torna consciente através da própria consciência: “A corrente original da consciência é um puro devir, a experiência flui para frente, em constante geração nova experiência é acrescentada, sem poder perguntar “por que” o devir é gerado (= causado).” (Stein, 2005a, p. 224).

Edith Stein compreende que a consciência é o lócus onde a psique se manifesta e outorga a captação de atos psíquicos. Isso posto, a psique é uma realidade do mundo pessoal que compõe uma unidade psicofísica, a qual é como a estrutura que integra a alma, tanto nos aspectos espirituais, quanto nos físicos. Apesar de sua dimensão temporal, a psique não pode ser considerada como uma existência no espaço. Por isso que “a pessoa é definida como uma unidade de corpo vivo e alma, mas não de corpo vivo e consciência” (Stein, 2005b, 798, tradução do autor). De fato, a referência à uma espacialidade da psique só faz sentido quando se contempla a conexão intrínseca entre o psíquico e um corpo vivo que possui extensão espacial: “Se se pode falar de uma espacialidade do psíquico, isso só se deve ao fato de o psíquico estar ligado ao corpo vivo, que se estende espacialmente” (Stein, 2005b, p. 799, tradução do autor).

Entretanto, mesmo com essa ligação inerente entre corpo e psique, ao examinarmos a estrutura da pessoa, não se pode ignorar o fato de que os estados psíquicos reais são experienciados e sentidos não apenas pelo corpo, mas também pelo

¹³² Por que usam a palavra espírito? Porque o termo alma era usado para indicar tudo aquilo que não era corpo. Normalmente se diz, então, corpo e alma. Husserl e seus discípulos analisam a alma em duas partes: uma é formada pelo impulso psíquico (o termo impulso se refere a uma série de atos que são de caráter psíquico) que são atos não queridos ou não controlados por nós. Além disso, não somos nós a origem deles, nem nós que os provocamos, mas os encontramos. Se sentirmos um forte rumor, todos teremos medo, e o medo não vem querido por nós, ele é uma reação e acontece. Essa é a parte psíquica, a outra parte é a que reflete, decide, avalia, e está ligada aos atos da compreensão, da decisão, da reflexão, do pensar, é chamada de espírito. (Ales Bello, 2006, p. 39).



eu. Todavia, esse eu, na pessoa, não corresponde com o núcleo vital, que está em todos os seres vivos. Na pessoa, essa experiência se difere daquela dos demais seres vivos, pois não há uma fusão ou coincidência entre o eu e o núcleo vital, mas sim, uma inserção do eu no núcleo vital.

Além disso, o conjunto de estados do psiquismo se caracteriza pelo fato de não serem apenas estados psíquicos reais, mas ao mesmo tempo estados vivenciados do eu, e as experiências pelas quais eles se manifestam podem ser consideradas como puras experiências, sem levar em conta o que elas são no contexto do mundo real. Aqui vemos a conexão entre psique e consciência. (Stein, 2005b, p. 799, tradução do autor).

Dessa maneira, Edith Stein define que a psique é composta por qualidades disposicionais que variam conforme as circunstâncias, bem como, é constituída por qualidades psíquicas (sensíveis e espirituais) que se constituem a partir dos estados psíquicos, os quais estabelecem as condições para a manifestação de tais qualidades. Assim, Stein enfatiza que a psique e suas qualidades, é corpo, enquanto corpo vivo, ou seja, é um Ser em constante desenvolvimento. Desse modo, ela destaca que as qualidades não são inerentes à existência da pessoa, mas são alcançadas ao longo da vida. Nesse sentido, as qualidades psíquicas, semelhantes aos estados vitais, são codeterminadas pelo externo, bem como, pela condição orgânica do corpo vivo: “[...] os estados não são importantes apenas para as qualidades pelo significado que fazem com que elas se manifestem [...], mas também tais estados exercem uma influência real sobre elas, originando seu treinamento [...]” (Stein, 2005b, p. 800, tradução do autor).

Edith Stein evidencia que esse progresso das qualidades psíquicas se dá pelo caráter pessoal¹³³ (ou individualidade) que é uma qualidade essencial da vida interior, a qual não necessita do ambiente externo para existir, porém, precisa ser incentivada através de um ambiente propício para que ocorra seu desenvolvimento. O caráter pessoal é constituído pelas qualidades psíquicas de ordem espiritual que dizem respeito à vida afetiva e volitiva, que se organizam a partir da memória, do intelecto, do sentir e

¹³³ “[...] O caráter é, portanto, a configuração ou modelação que a pessoa habitualmente permite que aconteça em si, por meio da atualização das suas potências, traduzindo, na sua ação sobre si, o que é potencial em habitual, e concretizando, dessa maneira, a sua ‘forma’ habitual de se colocar no mundo” (Stein *apud* Jost, 2019, p. 160).



através do ímpeto de transformar a vontade em um ato, unindo-a à vida do eu. Tal individualidade é, também, o que diferencia a pessoa dos outros seres vivos:

A disposição original do caráter distingue-se de todas as outras disposições da pessoa pelo fato de que lhe é inerente um fator qualitativo supremo e indissolúvel que o permeia completamente, que confere ao caráter uma unidade interna e que o distingue de todos os outros. (Stein, 2005b, p. 809, tradução do autor).

Edith Stein relaciona tal crescimento da dimensão espiritual da pessoa à atividade intelectual, que através da potencialidade da cognição, faz com que ela alcance uma conformação através do hábito. Outro ponto é o fato de que o eu só decidirá por algo caso ele o conheça, ou seja, há uma relação de interdependência entre o conhecimento e a vontade: agem um em função do outro. É essa *singularidade pessoal* que molda a pessoa como uma *personalidade unitária*, define normas de vínculo, escolha de qualidades e estados viáveis para constitui-la. Contudo, é necessário que na pessoa haja harmonia e que as qualidades entre si sejam compatíveis. Logo, pode-se inferir que nem todas as pessoas poderão alcançar seu pretendido desenvolvimento. Elas precisam estar integradas ou, pelo menos, buscar uma integração:

[...] É verdade que existem pessoas que apresentam qualidades ‘que estão em conflito umas com as outras’, mas tais pessoas não são reconhecidas como personalidades unitárias; São chamados de ‘pessoas sem harmonia’, ou diz-se também que reúnem dentro de si várias ‘almas [...]’. (Stein, 2005b, p. 807, tradução do autor).

Stein enfatiza que a questão de a pessoa ser aberta ao mundo dos valores é uma capacidade inerente à ela desde o início, mas que precisa ser desenvolvida à medida que se abre para acolhê-los e se moldar a eles, especialmente os valores éticos que influenciam o comportamento prático: “[...] o caráter é a abertura (eventualmente também o fechamento) ao reino dos valores, e é a maneira pela qual alguém se aplica à sua realização [...]”. (Stein, 2005b, p. 802, tradução do autor). Para a autora, ao examinar a peculiaridade pessoal é preciso ter como ponto de partida a dimensão espiritual, que apresenta um dinamismo intrínseco ao movimento de introspecção (a percepção de si mesmo como Ser consciente e livre) e de extrospecção (o mundo físico, social, cultural, histórico e Divino). Desse modo, por meio da dimensão espiritual,



torna-se possível compreender verdadeiramente o que significa ser uma pessoa, que é uma entidade com particularidades que confere uma singularidade única, que permeia toda a psique e influencia todos os outros estados psíquicos.

[...] na verdade, apenas o caráter e os estados que lhe são essenciais trazem a marca da peculiaridade individual, enquanto isso não acontece com o resto da vida psíquica. Na verdade, se levarmos em conta que é o mesmo mundo de valores contra o qual os indivíduos destacam a sua peculiaridade, ou (para expressá-lo em termos mais gerais) que, nas mesmas circunstâncias externas, pessoas diferentes se comportam de maneiras diferentes, então é óbvio que tal coisa deve ser atribuída à disposição original dessas pessoas e que deve estar intimamente relacionada com a sua peculiaridade pessoal. Agora, isso se estende a toda a *psique* e a todos os seus estados. (Stein, 2005b, p. 807, tradução do autor).

A pensadora discorre sobre outro constitutivo ontológico da pessoa, a saber, o espírito. Ele é definido como o âmbito que é formado pelo intelecto e pela vontade, que habilita a pessoa a abrir seu olhar espiritual para o mundo e integrá-lo em si mesma, permitindo a compreensão do mundo, do outro e de si mesma, além de possibilitar a capacidade de refletir e julgar as informações recebidas. Todavia, o intelecto não se limita a um caráter passivo, de mero receptor de informações, mas desempenha um caráter ativo em conjunto com a vontade. Edith Stein afirma que o intelecto e a vontade são constitutivos do espírito humano e que ambos desempenham um papel ativo na formação do espírito.

A filósofa destaca que o espírito, tal como o corpo, requer de material para o seu desenvolvimento (formação), também necessita de bens espirituais, os quais são adquiridos por meio de objetos de valor e das interações com outras pessoas que lhe enriquecem a alma. À vista disso, a formação do espírito é uma tarefa que envolve não apenas a percepção e o entendimento do mundo, como também tem a autonomia em sua configuração e no governo de si. Nesse sentido, Stein destaca dois aspectos fundamentais em relação ao lado intelectual do espírito. O primeiro, “ser iluminado, ou seja, ter consciência de si mesmo - e esta pode ser uma *consciência* que acompanha a vida espiritual sem se tornar o seu próprio ato de reflexão, mas que pode passar a tal ato de reflexão.” (Stein, 2014, p. 94). O segundo, “estar aberto a outros objetos que não o próprio sujeito espiritual.” (Stein, 2014, p. 94).



Assim, a maneira como uma pessoa aborda um problema ou como o enfrenta, não se limita a atos puramente intelectuais, mas envolve um *impacto interno* e uma ação na qual o ânimo e a vontade, unidos, conferem uma marca pessoal a cada indivíduo. Ao defender isso, a filósofa apresenta um fator qualitativo indissolúvel que impregna a pessoa plenamente, que dá o caráter de unidade interna e que a distingue de todos os demais. A tal distinção, ela chama de essência da pessoa. Para Stein, a essência da pessoa ou núcleo pessoal não se desenvolve, todavia, desdobra-se no itinerário de desenvolvimento do caráter, a partir do qual exerce qualidades que lhe são singulares, as quais podem se desenvolver de maneira parcial ou total, à medida que as contingências sejam ou não favoráveis. O núcleo pessoal impõe restrições a sua capacidade de mudança. Para a filósofa, o núcleo pessoal é “o ser que é em si mesmo e pelo qual é semelhante ao Ser Divino.” (Stein, 2014, p. 120). O núcleo pessoal é a *entelechie*, ou seja, o princípio unificador que dá forma e direção ao desenvolvimento da pessoa. Em outras palavras, é o princípio interno mais específico e individual da alma, que a torna única e diferente de todas as outras almas. Esse núcleo pessoal é o que fundamenta a analogia do Ser, ou seja, a semelhança entre a alma humana e o Ser Divino. Ele é um Ser atual, em contraposição à mera possibilidade. É capaz de se desenvolver e crescer em direção a uma forma mais elevada de vida consciente.

A concepção do núcleo pessoal é um tema central na filosofia de Edith Stein, que ela começou a explorar em sua tese de doutoramento sobre o problema da empatia. Ao longo de suas obras, podemos observar um progresso na compreensão de núcleo pessoal, que atinge seu ponto mais profundo em *Ser finito e Ser Eterno*, concebido também como a essência da alma. A mudança de vocabulário, de *Potência e Ato a Ser finito e Ser Eterno*, reflete o aprofundamento contínuo de sua investigação sobre a essência da pessoa.

Então, e o direito de equiparar núcleo, essência e alma (como a “parte mais íntima”)? Como princípio da forma mais interna, núcleo e essência têm componentes sensoriais idênticos. A mudança de expressão se deve ao fato de que com “essência da alma” e “essência do homem” estaremos mais inclinados a pensar no geral que faz da alma uma alma e da pessoa um ser humano, enquanto o núcleo do princípio que determina o que o indivíduo é em si mesmo. (Stein, 2014, p. 144).



Ao empregar o termo eu, Edith Stein se refere ao Ser cuja existência é eminentemente caracterizada pela vida, não apenas no sentido de um mero arranjo material, mas como um desenvolvimento do eu em um Ser que surge a partir de si mesmo e consciente de si. O eu não é idêntico nem à alma nem ao corpo vivo, mas habita tanto o corpo quanto a alma. Está presente em cada instante de sensação e vivacidade, tendo uma sede particular em um ponto específico do corpo e em uma região determinada da alma. Uma vez que o seu corpo e a sua alma lhe pertencem, todo esse complexo recebe o nome de eu. No entanto, nem toda manifestação da vida corporal constitui a vida do eu, visto que processos de crescimento e nutrição frequentemente ocorrem sem a percepção consciente, embora o eu experiencie algo que está conectado a ele. Da mesma forma, a vida da alma não se restringe à vida do eu em sua totalidade. (Stein, 2019).

Através de uma análise fenomenológica, Stein retrata a alma humana como um *espaço* que abriga a *vida interior*. A concepção de alma se desvela como o epicentro do Ser nas entidades materiais vivas, naquilo que detém o potencial intrínseco de *autoconfiguração*. No entanto, uma manifestação ainda mais específica do termo alma em que o ente se abre para uma dimensão interna na qual a vida transcende sua mera caracterização como uma configuração da matéria. Assim, a vida assume uma existência própria e singular na qual cada alma se configura como um mundo interior, completo em si, embora permaneça inextricavelmente ligada ao corpo vivo e ao contexto mais amplo do mundo real: “Consideramos [...] que a particularidade da alma consiste em ser o próprio núcleo do ser vivo e a fonte oculta de onde toma seu ser para aparecer como figura visível.” (Stein, 2019, p. 392).

Conforme a pensadora, a vida anímica da alma sensitiva permanece estreitamente vinculada ao corpo vivo, sem se elevar a uma esfera independente de significado. Ela experimenta e percebe o que ocorre em seu corpo e suas respostas emergem do âmago da vida, manifestando-se em movimentos e ações instintivas cujo propósito essencial é a preservação e o desenvolvimento da vida corporal. (Stein, 2019). Para a pensadora, a profundidade da alma, seja na superfície ou em suas camadas mais profundas, revela-se nas experiências à medida que emergem em direção à consciência.



Isso ocorre antes de qualquer reflexão consciente, à medida que a vida do eu progride sem se tornar objeto de observação ou análise. A consciência primordial se manifesta inicialmente como auto reconhecimento ou percepção interna, abrangendo a percepção do corpo e permitindo um acesso externo ao corpo através de expressões corporais. Nesse sentido,

O ser individual é o que está em mente quando se fala da consciência do próprio ser. Não se pode dizer que se tem consciência do próprio *corpo* de uma forma intelectual. Certamente existe um conhecimento intelectual do *corpo*, mas ele é amplamente divulgado e, para a maioria das pessoas, muito escasso. (Stein, 2004, p. 139).

O eu, que é a fonte da vida consciente, incorpora tanto o corpo quanto a alma, definindo-os espiritualmente (Stein, 2019). O termo pessoa se refere ao eu consciente e livre, caracterizado por sua capacidade de realizar atos livres e, portanto, sua influência se estende sobre a natureza humana, o corpo e a alma. Além disso, a pessoa pode influenciar o mundo circundante por meio de suas ações anímicas e corporais, estabelecendo um domínio que pode ser chamado de meu. O que a pessoa realiza livre e conscientemente é a vida do eu, emergindo de diferentes profundidades da alma, as quais se tornam vivas na vida do eu, mesmo que continue envolta em mistério. A experiência da liberdade pessoal é inicialmente percebida ao realizar um ato ou, de certa forma, quando o ato se apresenta como uma exigência. A filósofa, empreende a análise da pessoa psicofísica, cuja singularidade se manifesta através do ato de sentir, uma vez que em tal ação, ela não apenas vivencia objetos, mas também experimenta a si mesmo, percebendo os sentimentos como oriundos da profundidade do seu eu. Diferentemente do eu puro, esse eu já não é destituído de profundidade. Os atos que emanam dessa profundidade revelam uma camada do eu.

Edith Stein, ao explorar a estrutura da alma como fator distintivo da individualidade, conecta suas reflexões iniciais em suas obras fenomenológicas com a busca pelo sentido último do Ser. Assim, ao integrar as perspectivas de Husserl e Tomás de Aquino, ela examina questões fundamentais sobre a pessoa e estabelece a alma substancial como o alicerce do eu, e confere forma à transformação do ser humano psíquico-espiritual. O núcleo pessoal é essencial para a compreensão da formação do ser



humano e seu desenvolvimento. A partir desse núcleo, concebido como a essência profunda da pessoa, emerge o processo de desenvolvimento e formação do Ser pessoal.

Toda essa absorção no interior da alma tem a ver com o crescimento e o desenvolvimento em si, e não com o que foi descrito como desenvolvimento, a impressão habitual e progressiva da realidade da vida. O desenvolvimento da alma, o aumento da sua riqueza interior, tem impacto na subsequente relevância da vida e na formação habitual (ou seja, no desenvolvimento). O desenvolvimento pleno é delineado como um telos na enteléquia, o núcleo original da pessoa. Alcançar a meta está vinculado à alma encontrar aquilo para que foi projetada. Por outro lado, nada pode entrar no seu interior que não esteja aberto. (Stein, 2014, p. 217).

A profundidade da alma, por sua vez, determina a qualidade dos sentimentos vitais, e permite que um mesmo sentimento possa surgir de diferentes níveis da alma. No entanto, um sentimento inicialmente superficial só pode se tornar profundo se a experiência se aprofundar gradualmente. Stein argumenta que, se a alma luta com estados contraditórios, então cabe ao eu pessoal decidir qual deles prevalecerá. O sentimento mais profundo não pode estar abaixo de um sentimento de menor profundidade, por mais intenso que seja. Segundo a pensadora, “[...] quando o local de origem é diferente, o que acontece é que o sentimento mais profundo nunca pode ser superado por um sentimento de menor profundidade, por mais intenso que seja [...]” (Stein, 2005b, p. 813, tradução do autor).

No entanto, existem estados de sentimentos tão intensos e violentos que só podem ser superados pelo eu através da incursão de um novo nível de profundidade que se evidencie mais que o anterior. Dessa maneira, a vontade surge como um fator fundamental na constituição do caráter pessoal, definindo-se como a força do eu em se dedicar em prol do que é evidenciado como valor, ou seja, “a força de vontade (mais ou menos grande) é a capacidade de se comprometer em favor dos valores estimados.” (Stein, 2005b, p. 813). Por trás do querer da vontade existe outro querer que se define como uma energia de auto plasmação que não está limitada por uma disposição original. Assim, mesmo quando a alma parece estar em um estado de paralisia ou quando parece impossível qualquer forma de desejo - considerando que o desejo é uma aceitação viva de atitudes em face a valores positivos ou negativos percebidos - se um valor se apresenta ao eu, exigindo veementemente sua execução, ou se o eu é convocado a optar



entre valores opostos, então esse eu deve afirmar se deseja dedicar-se, e a favor de que ele desejará se dedicar.

Nesse contexto, uma resposta e uma decisão a partir do eu são necessárias. Logo, percebe-se que essa paralisia não é absoluta. O eu pode despertar e conceber o ato de vontade necessário e tal ato desejado pela vontade tem a força para iniciar uma ação. Por isso, a liberdade é também um constituinte da pessoa, o que dá a entender que a perspectiva da liberdade está presente para cada pessoa e a distinção no exercício da liberdade se dá segundo as atitudes da vontade.

Onde não existe tal liberdade de autodeterminação, onde uma pessoa não pode ser considerada “responsável” pelas suas ações, pensa-se que a personalidade foi extinta. Portanto, não há dúvida de que a liberdade é um elemento constitutivo da pessoa. A vida da vontade tem participação na “peculiaridade pessoal”, mas apenas como vida “natural”. A liberdade pertence igualmente a cada pessoa; mas as atitudes da vontade que são motivadas por atitudes de sentimento e não foram geradas por um propósito, mas brotam vitalmente na *alma*, trazem a marca de sua peculiaridade. (Stein, 2005b, p. 814, tradução do autor).

A partir de então, Edith Stein discute sobre os atos livres, que tem sua essência como manifestações do eu espiritual, em que a pessoa *se torna senhora de sua experiência*. Esses atos são enraizados no núcleo pessoal, surgindo como resultado do reconhecimento e convicção de valores, indo além da mera aceitação ou negação desses valores. Aqui, a conduta valorativa de aprovação ou desaprovação está intrinsecamente envolvida. É crucial ressaltar que, embora os atos livres sejam motivados, a presença de motivos não obriga alguém a realizar tais atos. A decisão não segue automaticamente a predominância de motivos conflitantes, mas depende fundamentalmente da pessoa e do que é mais significativo para ela. Portanto, embora haja motivos, não são eles que determinam a ação (Stein, 2005b).

Nesse sentido, a filósofa distingue os atos livres do querer autêntico e agir livremente. A vontade autêntica não se limita a disposições pré-existentes, pois está enraizada no eu, onde toda vontade tem origem, independente da hierarquia de valores. A diferença crucial entre o querer e agir genuínos (e outros atos voluntários) reside na presença de um propósito direcionado para a aceitação da vontade, uma decisão consciente orientada por um critério pessoal. Os atos livres, portanto, podem emergir de



um propósito, mas requerem uma decisão voluntária que efetiva a ação. Nem toda decisão é, por si só, um ato livre, pois o verdadeiro querer vai além da percepção de uma exigência, integrando-a ao Ser e realizando-a por meio da vontade.

E então você vê que essa paralisia não é absoluta; O eu pode despertar para a vida e gerar o ato de vontade necessário, embora não tenha mais poder sobre a vida emocional que morreu. Tal ato “desejado” da vontade não tem o caráter de uma atitude vital, mas possui, assim, a energia para iniciar uma ação. O eu que quer livremente ainda está, por assim dizer, nas costas da alma que tem sentimentos e que adota atitudes de querer “natural” (Stein, 2005b, p. 814, tradução do autor).

Para Stein, esse processo de configuração do sentido é regido por *leis espirituais próprias*, onde a motivação se baseia na correspondência entre as exigências do eu e as provocações do mundo. A consciência do que é desejado é essencial no ato voluntário, que não é apenas um acontecimento, mas um agir consciente a partir do eu. A autora adverte que, embora o homem tenha a capacidade de se auto configurar, as vivências humanas podem ou não levar à realização pessoal, dependendo das escolhas e do respeito às indicações do *núcleo pessoal*. A transformação existencial só se concretiza quando a pessoa se posiciona na realidade e apreende um conteúdo de sentido que motiva a ação, escolhendo seguir ou não essas indicações.

É crucial encontrar no mundo estímulos significativos que levem o eu a mobilizar sua vontade e a força espiritual intrínseca a ele. No entanto, para que o eu encontre esses estímulos, seu olhar deve ser educado para reconhecer no mundo aquilo que ressoa com sua essência. Edith Stein destaca a importância da relação com o mundo e com a alteridade na apropriação da experiência do eu. Ela menciona que a compreensão da experiência humana se manifesta através da experiência de si mesmo e do outro, sendo esta última o caminho mais evidente. Quando dois indivíduos se olham, dedicam-se a descobrir os conteúdos interiores um do outro. “O outro se transforma em um tu, permitindo um encontro autêntico que enriquece a alma e amplia a percepção do mundo ao redor. Mas é claro que esta percepção do outro é uma apercepção transcendente [...]” (Stein, 2005b, p. 824, tradução do autor). Assim, nos movimentos de abertura para fora e para dentro de si, a pessoa se depara inevitavelmente com o outro, que se revela como um eu. Esse encontro humano contém os elementos



essenciais para o exercício da vontade, possibilitando a adesão a valores que orientam as ações em direção à construção da liberdade.

Transcendendo a essência do núcleo pessoal, onde a vontade e a liberdade ganham protagonismo e adentrando o âmago do processo de formação do ser humano, ingressamos na esfera da interseção entre a ontologia da pessoa e sua constante transformação (formação). Esta transição assinala a evolução do entendimento dos constitutivos ontológicos da pessoa para a exploração do dinamismo intrínseco à formação do eu. Nesse novo contexto, mergulhamos na sinergia dos elementos primordiais – vontade, liberdade e atos livres – revelando como se entrelaçam na jornada de autoconstrução e desenvolvimento. É aqui que desvendamos não apenas a influência desses elementos no curso da vida, mas como se tornam ferramentas essenciais na forja da pessoa, moldando sua interação com o mundo, suas escolhas e seu constante processo de autoconhecimento. Esta mudança de foco nos conduz à compreensão da configuração do Ser, seu dinamismo e a contínua busca por seu aprimoramento em direção à plenitude do existir. É nesse contexto que se insere a questão da formação no pensamento de Edith Stein.

2. O processo de autoconfiguração enquanto formação da pessoa na perspectiva de Edith Stein

A fundamentação que fizemos até aqui nos leva a uma questão primordial para a compreensão da autoconfiguração do Ser enquanto pessoa: como se dá o processo de formação na ótica de Edith Stein? Para respondermos a essa questão devemos partir da questão nº 11 da obra *De Veritate* de Tomás de Aquino, a qual ele denominou como *De Magistro*, para buscar fundamentos para a compreensão do processo de formação do ser humano e de que ele pode (e deve) se autoformar ou se autoconfigurar. Destacam-se dois caminhos possíveis de formação para a pessoa: o deixar-se formar pelo Outro (Deus) e o formar-se a si mesmo. Nesse sentido, o Doutor Angélico interroga se alguém pode ser chamado de mestre de si mesmo. E o seu posicionamento é que sim. À vista disso, o filósofo apresenta a relação da formação entre Deus e do homem: “[...] a certeza do conhecimento existe em nós graças aos princípios conhecidos naturalmente à luz do



intelecto agente. Logo, o ensino compete precipuamente ao intelecto agente [...]. (Aquino, *De Magistro*, II, I).

Para Stein, os dois caminhos de formação são válidos e necessários para a pessoa. Todavia, ela vê algumas implicações, na medida que a pessoa se desenvolve na busca pelo conhecimento, seja através de Deus ou por seu próprio esforço. Por isso que Tomás, na referida obra, discorre sobre a quem cabe levar o título de mestre, se é atribuído somente a Deus ou também ao homem. A filósofa afirma que tanto um quanto o outro pode ser aceito, pois ambos ensinam. Todavia, para que a pessoa alcance a plena verdade é preciso estar aberta à graça, pois o ensino humano é coadjutor em relação ao ensino Divino, pois Deus, salienta Stein, como Ser Eterno, ensina a partir da mente humana, porque ela pode abstrair conceitos e chegar à Verdade e Ele é o verdadeiro Mestre, pois todas as verdades estão n'Ele.

Por conseguinte, no que diz respeito à pessoa, o seu Ser, não é suficiente que sua corporeidade progrida integralmente ou que ele realize ações. Do mesmo modo em relação à sua progressão psicológica ou o agir de suas potencialidades do espírito. Para a pessoa, destaca a pensadora, é necessário que ela se configure a si mesma, busque tornar-se a si mesma, ou seja, a pessoa é resultado daquilo que ela é, bem como, daquilo que dela é requerido, que é se tornar algo concreto: ela pode e deve formar-se e se autoconfigurar. A filósofa recorda, então, o ideal de humanidade ao abordar a diferença entre as concepções humanistas e a cristã acerca da pessoa. Desse modo, Stein corrobora a ideia segundo a qual a pessoa pode se autoformar e alcançar uma plena liberdade. Contudo, necessita estar aberta à graça. Nesse sentido, a pensadora ressalta o seguinte:

[...] a própria vontade se conforme à vontade divina – esse é o caminho que conduz à perfeição do homem na glória. [...] Segundo a visão cristã, é um objetivo sobrenatural para o qual o homem pode e deve contribuir, mas que não pode alcançar apenas através de seus poderes naturais.” (Stein, 2014, p. 14, tradução do autor).

Dessa maneira, Stein entende que o processo de autoconfiguração enquanto formação da pessoa se baseia na interação entre potência-ato-hábito, desencadeado por um motivo que atualiza a potência. A estrutura da pessoa, como explorada pela autora, é o ponto de partida para o processo de desenvolvimento e autoconfiguração (formação)



que abrange vários aspectos e camadas da vida pessoal. Esse desenvolvimento não se limita apenas ao caráter, mas se estende aos movimentos do corpo e à expressão física. Stein utiliza o conceito de força para descrever essa dinâmica, aplicando-o tanto no contexto psicológico quanto no espiritual. A força se refere ao aspecto espiritual, enquanto o material diz respeito à matéria que ocupa o espaço. Ambos necessitam de uma forma específica e são moldados ao longo do tempo. A força, como potência espiritual, exige uma atualização gradual e consome parte da força natural, intrinsecamente ligada à constituição psicofísica. Dessa maneira, “[...] as conquistas naturais representam um consumo de forças, [...] a reserva de forças é aquela para todo o organismo humano, aquela que se esgota e se reabastece.” (Stein, 2014, p. 90, tradução do autor). Assim, a potência espiritual desempenha um papel ativo na geração dessa força e contribui para o processo de autoconstrução e renovação contínuas. Essa jornada não atinge um estado definitivo, permitindo variações no nível intelectual e espiritual, pois, por ser um Ser finito, é preciso que a pessoa se construa e se renove ao longo da sua existência.

[...] Que as pessoas não cheguem ao mundo “acabadas”, mas tenham que construir-se e renovar-se continuamente ao longo da vida num processo constante de transformação, sem atingir um estado final fixo, e que também têm forças para alcançar suas conquistas devem sempre trabalhar de novo e conquistá-las para o seu ser superior desde o inferior [...]. (Stein, 2014, p. 91, tradução do autor).

Segundo Stein, a vontade é fundamental nesse processo, ao controlar a expressão, a vida anímica e influenciar a transição de fenômenos emocionais para expressões culturais. O corpo, como instrumento do espírito, reflete os movimentos da mente e da vontade, deixando impressões duradouras relacionadas à alma e ao caráter. A conformação do corpo, no entanto, não é apenas espacial: já é configurada desde sua origem e se harmoniza com a natureza da alma, apresentando diferentes graus de perfeição nessa harmonia. Logo, Edith aponta para outra fonte de força da pessoa no processo de autoconfiguração, que é a espiritual, e recorda que ela não é só matéria, mas que também possui um espírito, a partir do qual, é nutrido:

[...] Se agora adquirimos uma certa compreensão de que ele está enraizado no mundo material e dele ganha força, agora temos que ver que ele também está



colocado no mundo do espírito e também é nutrido e edificado a partir dele. (Stein, 2014, p. 91, tradução do autor).

A transformação do Ser pessoal começa, assim, no núcleo da pessoa e está conectada ao passado. Experiências passadas se tornam potenciais que podem ser revividos pela consciência e permite que o núcleo seja atualizado continuamente na dinâmica da autoconfiguração. Entretanto, o núcleo nunca é completamente atualizado, já que a alma, onde reside o núcleo, está enraizada no corpo. O núcleo é simples. É a origem da mutabilidade da pessoa, governando o processo de autoconfiguração enquanto dimensão formativa. É, portanto, sua força, abertura e qualidade, cada qual com sua abertura, força e qualidade específicas. A plena manifestação da alma e o aumento de sua vida interior são objetivos predefinidos na entelequia, o núcleo original da pessoa: “É o núcleo idêntico que se encontra em todos os seus processos evolutivos possíveis e também nos resultados do desenvolvimento - condicionados pelas circunstâncias externas - e que delimita o alcance dessas possibilidades.” (Stein, 2005b, p. 809, tradução do autor).

Quanto mais profundamente a pessoa vive, mais evidente se torna o núcleo, tornando-o menos dependente das mudanças externas. E a dimensão formativa é elementar nesse processo. Dir-se-ia que é uma exigência necessária. Apesar de sua conexão com o corpo, a alma é percebida como algo além de sua atualização momentânea. Por isso, o núcleo aponta para uma dimensão transcendental da pessoa, refletindo uma certa permanência no meio de um desenvolvimento caracterizado por mudança e transformação. De acordo com Stein, o núcleo da alma reflete a maior semelhança do ser humano com o Divino, que é puro ato e imutabilidade, já sendo o que é. Da mesma forma, o Ser do núcleo é a atualidade que, a cada momento, forma a individualidade qualitativa resultante da atualização do núcleo.

Seria perfeitamente possível que um indivíduo psicofísico, segundo toda a sua estrutura, ou seja, segundo o seu caráter, fosse entendido como um exemplo de um tipo, sem apresentar uma nota individual. Então teríamos que negar-lhes também a alma, na qual a individualidade é vivida de forma pura e que não pode ser concebida como exemplo de tipo. (Stein, 2005b, p. 821, tradução do autor).



Edith observa que essa formação é um processo complexo, dinâmico e influenciado pela interação entre elementos internos e externos. A pessoa não adquire seu Ser e essência, mas os recebe junto com a liberdade de determinar sua atualidade mutável. A liberdade da pessoa é direcionada para a escolha das potências a serem atualizadas, porém, ela não pode atualizar todas simultaneamente, o que resulta em uma constante seleção de qual potencialidade deve ser desenvolvida:

A psique em desenvolvimento depende, em termos de sua formação, de circunstâncias externas. [...] Mas se quisermos compreender a estrutura da pessoa, então, além da fonte original da sua vida e do seu ser, devemos também examinar as condições externas. (Stein, 2005b, p. 820, tradução do autor).

Tal processo implica uma ação consciente do eu, uma liberdade que permite direcionar a própria vida. Mesmo diante de um mundo preexistente, a pessoa não é passiva, pois seu eu desperto pode interagir, interpretar e agir sobre esse mundo. A liberdade humana é o cerne desse processo, pois suas escolhas não só moldam o momento presente, mas determinam a direção da pessoa como um todo. Cada decisão cria uma disposição para tomar decisões similares no futuro, moldando a formação do hábito: “Na medida em que estas ações são atos espontâneos, na medida em que tenho consciência de gerá-las livremente ou de poder reprimi-las voluntariamente, na mesma medida também se estende num sentido mais amplo e mais rigorosa minha consciência de liberdade na formação do meu caráter, na autoeducação.” (Stein, 2005b, p. 861, tradução do autor).

Para a filósofa, a configuração do si mesmo abrange não apenas o desenvolvimento físico e intelectual, mas também o treinamento dos sentidos e a formação do caráter. No entanto, esse processo deve estar em consonância com determinados princípios, embora a consciência não forneça um modelo absoluto para orientar a conduta: “[...] E como sentir é sinônimo de estimar valores, já que a consciência, com seus dados, é para o mundo dos valores o que a percepção é para os objetos da natureza [...]” (Stein, 2005b, p. 802, tradução do autor). A partir disso, a filósofa aponta para a seguinte inferência: “[...] então também podemos afirmar: caráter



é a abertura ou fechamento ao reino dos valores, e é a maneira pela qual alguém se aplica à sua realização [...]” (Stein, 2005b, p. 802, tradução do autor).

3. Considerações finais

A problemática central que norteou as reflexões no presente artigo foi delimitada em torno da seguinte pergunta: quais elementos estruturam ontologicamente a concepção de pessoa na filosofia de Stein e como a autoconfiguração como dimensão formativa está relacionada a essa concepção?

A título de conclusão, pode-se afirmar que a principal contribuição do pensamento de Edith Stein se encontra vinculada não apenas à complexidade da pessoa, mas também à exigência segundo a qual a sua evolução e o seu desenvolvimento implicam um processo complexo, dinâmico e profundo de formação na qual diversas esferas devem ser consideradas. Nesse sentido, a sua filosofia incita uma reflexão sobre a natureza da pessoa, convidando-nos a mergulhar com mais profundidade em nossas próprias essências. As ideias da pensadora nos desafiam a buscar significados mais profundos, a compreender a complexidade da consciência e a reconhecer a conexão entre a evolução do *Ser enquanto pessoa* e a sua busca pela transcendência.

4. Referências

- ALES BELLO, Angela. Introdução à fenomenologia. Tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfould. Bauru/SP: Edusc, 2006 (Coleção Filosofia e Política).
- AQUINO, Tomás. Suma Contra os Gentios. Campinas/SP: CEDET (Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico), 2017. Ecclesiae.
- AQUINO, Tomás. Suma Teológica: Teologia – Deus – Trindade. vol. 1. Parte I. Questões 1-43. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- JOST, Maria Clara. Do sentido para a morte para o sentido da vida: possibilidade de reconfiguração do sentido existencial de adolescentes e jovens autores de ato infracional. Belo Horizonte: Spes Editora, 2019.
- STEIN, Edith. A Mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça. Campinas, SP: Ecclesiae, 2020.
- STEIN, Edith. Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y las ciencias del espíritu. In: STEIN, Edith. Obras Completas: escritos filosóficos. Tradução de Francisco Javier Sancho. Burgos: Monte Carmelo, 2005a.



STEIN, Edith. Der Aufbau der menschlichen Person: Vorlesungen zur philosophischen Anthropologie. Edited by Lucie Gelber and Romaeus Leuven. Freiburg: Herder, 2014. Disponível em: <https://acesse.dev/wOaFO> (Acesso em 15 out. 2023).

STEIN, Edith. Introducción a la filosofía. In: STEIN, Edith. Obras Completas: escritos filosóficos. Tradução de Francisco Javier Sancho. Burgos: Monte Carmelo, 2005b.

STEIN, Edith. Potenz und Akt: Studien zu einer Philosophie des Seins. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 2014. Disponível em: <https://11nq.com/erNA1> (Acesso em: 20 out. 2023).

STEIN, Edith. Ser Finito e Ser Eterno. Coordenação João Ricardo Moderno. Tradução Zaíra Célia Crepaldi. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019 (Clássicos da filosofia: 4) Tradução de: Ser finito y Ser Eterno.